

“Você não estava aqui” e “O bom patrão”:

Cinema Europeu Contemporâneo para Pensar as Lógicas do Mundo do Trabalho¹

Marcos Hiller²

Resumo

O presente artigo analisa as obras cinematográficas "Você não estava aqui" de Ken Loach e "O bom patrão" de Fernando León de Aranoa à luz das perspectivas do Capitalismo de Plataforma e da Sociologia do Trabalho. Ambos os filmes oferecem uma visão crítica das complexidades contemporâneas do mundo do trabalho, explorando a precarização, a desregulamentação dos direitos trabalhistas e o trabalho emocional. Loach destaca a falsa liberdade promovida pelo capitalismo de plataforma, expondo a exploração tecnológica, enquanto Aranoa revela o cinismo na liderança empresarial, criticando a instrumentalização das emoções. Com base em teorias de Antunes, Hochschild e Illouz, os filmes evidenciam transformações que afetam não apenas as condições materiais, mas também a saúde emocional e a subjetividade dos trabalhadores. Em última análise, instigam uma reflexão sobre os impactos da vileza apregoada pela atual configuração do sistema capitalista e a necessidade de repensar estruturas laborais em função de dimensão mais humanizada e equitativa.

Palavras-chave

Comunicação; Cinema; Mundo do Trabalho; Neoliberalismo; Capitalismo de Plataforma.

¹ Trabalho apresentado no “Eixo 8 - Transformações do Trabalho: Automação, Uberização e Direitos” do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 04 a 07 de dezembro de 2023.

² Doutorando e mestre em comunicação e práticas do consumo pela ESPM SP marcos.hiller@espm.br

Take 1

Denominado no senso comum como a ‘sétima arte’, o cinema, assim como as expressividades artísticas em si, busca carregar a potente incumbência de ser uma espécie de sísmógrafo dos tempos vigentes. Para tanto, partimos da premissa que, um diretor de cinema, em conjunto com seu time de roteiristas, produtores e todo um corpo técnico que envolve uma empreitada áudio visual, em certa medida, tem o poder de imprimir por meio de uma narrativa níveis de criticidade em relação às dimensões do mundo contemporâneo que habitamos. Sobretudo de uma forma mais sensível, que é própria do gênero fílmico, e sob matizes de uma análise que pode fazer o espectador compreender particulares tessituras de fenômenos do atual contexto de mundo.

Nesse sentido, o presente artigo recorre a duas recentes e aclamadas produções cinematográficas que versam sobre específicas filigranas do mundo do trabalho contemporâneo. Primeiramente, iremos nos servir da produção inglesa “Você não estava aqui” (2020) do diretor britânico Ken Loach. Depois iremos convocar nuances de outro filme, ainda mais recente, intitulado “O bom patrão” (2022) do diretor Fernando León de Aranoa.

Refletindo criticamente acerca desses filmes, objetiva-se, por meio deste artigo, revisitar o debate teórico contemporâneo sobre o mundo do trabalho, mais precisamente se servir de teóricos do Capitalismo de Plataforma e da Sociologia do Trabalho para uma melhor compreensão sobre o fenômeno da precarização de trabalhadores e do trabalho emocional. De um modo ainda mais específico, nos interessa pensar sobre os efeitos de atuais formas de gestão do trabalho no que diz respeito a como as subjetividades dos indivíduos são afetadas. A partir do momento de que há uma privação de direitos de direitos trabalhistas, podemos dizer que temos hoje novos modos de trabalho que são predatórios? O que sobra para trabalhadores em termos de capacidade de agência sobre modernos modos de sustento? Quais emoções estão sendo afetadas efetivamente? São questões seminais para compreender com

clareza os impactos do sistema capitalista no mundo do trabalho atual e que merecerão nosso olhar no presente artigo.

Para isso, buscaremos aglutinar importantes contribuições teóricas advindas de Antunes (2022), Abilio (2022), Figaro (2022), Braverman (1974), Hochschild (1975), Illouz (2006), Knights (1990) e Huws (2019). Dada essa introdução, iniciaremos nossa problematização sobre aspectos que nos saltaram aos olhos em relação a cada um dos dois filmes, sempre à luz das perspectivas teóricas supracitadas. Por fim, encerraremos com considerações, conclusões e as referências bibliográficas que convocamos.

“Você não estava aqui”: a falsa ilusão da liberdade à luz da plataformização

Ken Loach é um aclamado diretor britânico com relevantes produções no Reino Unido, localidade que é a gênese do que conhecemos como o movimento do trabalhismo e da luta por direitos de trabalhadores. Ao longo de sua carreira, o diretor ficou conhecido por seu comprometimento com questões sociais e políticas em seus filmes, onde é especialmente conhecido por sua representação do mundo do trabalho e das lutas da classe trabalhadora. Loach acredita que o cinema tem um papel importante a desempenhar na documentação das lutas dos trabalhadores e na promoção da solidariedade, uma vez que usa o artifício da narrativa fílmica como uma forma de dar voz às pessoas marginalizadas e oprimidas pela sociedade em uma clara tentativa de usar o cinema como uma ferramenta para a mudança social.

Em “Você não estava aqui” (2020), a partir de um recorte do que acontece em uma específica família britânica, o filme descreve a exaustiva rotina de um pai de família entregador autônomo de mercadorias em modalidade *delivery*. Ao seu lado, uma esposa que

trabalha como cuidadora de idosos, além de dois filhos adolescentes que vivem em um núcleo familiar lastreados sob a égide de um empreendedorismo neoliberal, uma vez que a obra incide luz sobre o caos que pode se transformar a rotina da vida moderna de um certo grupo de trabalhadores que tiverem esforços, tempos e movimentos dominados por lógicas algorítmicas e tecnológicas.

O enredo do filme vai se decorrendo evidenciando ao espectador a vazia promessa que se expressa no discurso do empregador do personagem e protagonista Ricky por meio de dizeres como “Você não trabalha para nós, você trabalha conosco” e que, ao longo da trama, o diretor nos conclama a desconstruir as camadas dessa estratégia discursiva e ideológica apregoada pela empresa em questão. Salta-nos aos olhos notar como o capitalismo contemporâneo, e mais precisamente o capitalismo de plataforma, vende vorazmente a ideia de que o trabalhador deve ser um verdadeiro e incansável empreendedor, mas que, na verdade, se converte em uma sociedade com membros em que não conseguem sequer cuidar dos próprios filhos. Discursos como o do profissional “empreendedor”, do *coaching* e tantos outros modismos revestem astutamente ou obscurecem o problema central: a desregulamentação dos direitos trabalhistas, a precarização das condições de trabalho e o desemprego (FIGARO, 2022).

O surgimento das plataformas digitais para venda de produtos ou serviços, como a Amazon, a quem o filme faz clara alusão, fez gerar drásticas transformações nos diversos setores econômicos, incluindo o mercado de trabalho. Mas enfatizamos que, nos interessa nesse artigo, os diferentes fenômenos comunicacionais mediados por essas plataformas, as quais também atuam na orquestração do social junto a determinados indivíduos. Em vez de ressaltarmos exclusivamente nos aspectos técnicos das plataformas midiáticas, o nosso foco concentra-se em compreender como essas plataformas de trabalho influenciam os fenômenos comunicacionais e interações entre as pessoas.

Nesse sentido, a obra do Loach explicita novas formas de organização do mundo do

trabalho e que tem levantado questões preocupantes relacionadas a uma precarização caracterizada por uma série de condições desfavoráveis para os trabalhadores, como a ausência de garantias trabalhistas, remuneração inadequada, jornadas extenuantes e falta de proteção social. No caso da empresa do filme, essas características são amplificadas pela lógica de funcionamento da plataforma, mas, ao mesmo tempo, astutamente atenuadas por estratégias comunicacionais e organizacionais que a empresa adota no enredo.

Essencial trazer à baila o conceito de que plataformas são infraestruturas digitais estruturadas por dados, organizadas por algoritmos e governadas por relações de propriedade, com normas e valores inscritos em seus desenhos (VAN DIJCK, POELL e DE WAAL, 2018; SRNICEK, 2018). Casilli (2020) fez uma grande pesquisa para mostrar como nessa plataformização do capitalismo e, sobretudo, em uma lógica incessante dos cliques, o trabalhador fornece sua cognição e sua forma de trabalho está baseada nos sentidos, da visão, da percepção, da capacidade de leitura e escrita, ensinando o algoritmo e ferramentas de inteligência artificial. Vale comentar que a retórica do capitalismo é tão astuta e cuidadosa que deposita nessas ferramentas de *machine learning* e nas lógicas algorítmicas um discurso de que são coisas independentes, isentas e, dessa forma, retirando do homem algum tipo de ônus da responsabilidade, mas se sabe que todas essas ferramentas sociotécnicas dependem de uma programação humana e voluntária, além de um constante abastecimento de dados e de gestão em diferentes locais do mundo.

Essa chamada ideologia do Vale do Silício, bem mapeada por Casilli (2020) nos mostra que se cria um jeito de trabalhar muito criativo, diferente, inovador e disruptivo (para se apropriar de um termo gasto no mercado corporativo), mas o que vemos é uma lógica de exploração desse novo capitalismo de plataforma, onde predomina um trabalho rotineiro, fragmentado, isolado, e sobretudo, altamente precarizado. “Cuidadosamente formuladas, a condições gerais de uso dos aplicativos e sites caracterizam esses serviços como intermediários e os trabalhadores como vendedores, fornecedores e até empreendedores

independentes. O trabalho, resume Prassl (2018, p.4) é “rebatizado empreendedorismo e a mão de obra é vendida como solução tecnológica” (Casilli, 2019, p.17). O que se vê é que por trás de uma interface do *app* extremamente moderno, intuitiva e convidativa, associada a uma lógica de gamificação e da facilidade de acesso, delinea-se nas entrelinhas o desejo das plataformas de governarem e controlarem seus usuários (idem, p.18). Como afirmam Graham e Anwar (2019), as plataformas implantam um mercado de trabalho que tem possibilidade de operar em escala planetária e ajudam empresas a “operar de forma ilimitada e permitem que reconfigurem e geografia de suas redes de produção por um custo quase zero (p.113).

No longa de Loach, as empresas monitoram por meio de um dispositivo cada segundo do trajeto de Ricky, que tem direito a paradas de apenas dois minutos. Nota-se como o capitalismo de plataforma se apropria cada vez mais da nossa capacidade de comunicação, de interação com os outros por meio de dados, que podem ser nossos corpos, olhares, gestos, gostos e nossas próprias subjetividades, como bem preconiza Figaro (2022). Interessante examinar como “Você não estava aqui” não menciona nominal e explicitamente nenhuma empresa específica de comércio digital, mas fica tacitamente no ar uma denúncia contra a maior do mundo hoje, a Amazon.

O filme questiona um modelo de negócio empresarial moderno que é essencialmente baseado na entrega de mercadorias diretamente na porta da clientela online, onde “no auge da era digital, presenciamos a ampliação ilimitada [...] de formas pretéritas de extração e sucção do excedente de trabalho que recordam a exploração e espoliação daquela fase primeva do capitalismo” (ANTUNES, p. 51, 2022) e sobretudo como esse cenário prejudica as relações em comunidade afeta o meio ambiente. Importante verificar a sagaz capacidade que o capitalismo possui em ocultar mazelas do social e privilegiar a extrema “na individualização, invisibilização e prática de jornadas extenuantes, tudo isso sob impulsão e comando dos algoritmos, programados para controlar e intensificar rigorosamente os tempos, ritmos e movimentos da força de trabalho” (idem, p.49, 2022).

Baseado na noção que “o espírito capitalista desconfia de quem não seja ambicioso” (BUCCI, 2021, p.80), é claro ao espectador evidenciar o colapso emocional de um núcleo familiar como consequência de um chamado uberliberalismo, onde se pode imprimir um olhar de forma ainda mais atenta sobre quais emoções e subjetividades estariam sendo mobilizadas nesse tipo de trabalhador que se serve do aplicativo como forma de geração de renda. Para tanto, compreendemos a noção de trabalho a partir da perspectiva de Huws (2019), quando diz que o trabalho se trata de uma atividade pela qual os seres humanos cuidam de si mesmos e dos outros e, assim, criam valor. A dinâmica da narrativa de Loach nega essa afirmação da pensadora marxista também inglesa, e parte-se da premissa que esses novos modos de trabalho trazem uma suposta e sedutora chamada discursiva de liberdade e flexibilidade (trabalhar da forma e no momento que se deseja) que é amplamente disseminada por empresas proprietárias desses apps de trabalho por plataformas, mas que, constitui, na verdade, um certo tipo de transferência deliberada de riscos para incrementar o controle e exploração sobre os trabalhadores.

A ideia do trabalhador sempre disponível é consolidar uma forma de subordinação e gerenciamento do trabalho inteiramente apoiada em um trabalhador desprotegido. E essa desproteção é mais perversa do que a simples ausência de direitos, de uma formalização da jornada. É um trabalho totalmente desprotegido em termos legais porque o trabalhador é transformado em um auto gerente de si próprio, que não conta com nenhuma garantia associada às leis trabalhistas. Na Inglaterra e, sobretudo, na Europa, que é uma região amplamente regulada, há significativos avanços na legislação para proteger trabalhadores de plataformas, mas a trama de Loach deixa esse aspecto à margem de sua narrativa cênica. Há a ideia de que é possível constituir uma multidão de trabalhadores disponíveis, que podem ser recrutados pelos meios tecnológicos existentes hoje. Então, eles são recrutados na exata medida das demandas das empresas ou do capital, se quisermos falar de uma forma mais genérica. Esse conceito de just-in-time levado ao limite pelo filme descortina as definições

sobre o que é ou não tempo ou local de trabalho. Desse modo, a uberização envolve basicamente a consolidação do trabalhador just-in-time, sem garantias sobre a própria remuneração nem carga horária (ABILIO, p.129, 2022).

Problematizar essa faceta do mundo do trabalho e, sobretudo, à luz de pensadores da sociologia que se debruçam sobre as lógicas laborais, nos incita a convocar ainda mais aportes teóricos seminais. Aproximar-se da provocativa trama de “Você não está aqui” nos requer convocarmos as contribuições de Braverman (1974) e Knights (1990), quando afirmaram que o capitalismo avança revolucionando continuamente as forças de produção, que incluem o desenvolvimento da força produtiva do trabalho. Os autores alertam que o que deve ser questionado é a visão que a subjetividade é uma propriedade opcional da pessoa capaz de ser possuída ou despossuída, desenvolvida ou não desenvolvida. Em outras palavras, postula-se uma estrutura ou força determinante contra cujos poderes o sujeito luta para manter sua própria autonomia. Os sujeitos são tanto constituídos quanto constituintes e estruturas são meros resultados institucionalizados das práticas de sujeitos históricos e contemporâneos.

Por outro lado, a preocupação de Burawoy (1979) é apresentar como o capitalismo conseguiu continuamente, e de uma forma especialmente arguta, assegurar seus volumes crescentes de mais-valia e, ao mesmo tempo, ocultar o seu caráter exploratório de controle sobre o processo de trabalho. Sua tese orbita em torno de uma conta que fornece evidências empíricas sólidas para contradizer Braverman – ou a teoria do homem e sua intensificação no trabalho resultante do aumento do controle de gestão e a separação entre concepção e execução. Burawoy (1979, p. 72), por sua vez, descobre que o que é realmente eficaz é obscurecer a produção de mais-valia é uma "expansão da área da "auto-organização" dos trabalhadores à medida que perseguem suas atividades diárias”. Ao formular essa tese, ele está se referindo ao relaxamento do controle de gestão (ibid p.176), dentro do contexto da evolução de uma elaborada estrutura de chão de fábrica. Obviamente, no período em que formulou essa teoria, ele não fazia ideia e nem mesmo dava pistas sobre as novas formas de

trabalho que evidenciamos hoje e bem ilustrado na aclamada obra de Loach, mas já apresentava conceitos basilares, fundamentais e, de certa forma, com traços de atemporalidade para caracterizar as formas atuais do trabalho de plataforma.

Importante verificar a capacidade que o capitalismo possui em ofuscar ou ocultar mazelas do social e privilegiar a extrema “na individualização, invisibilização e prática de jornadas extenuantes, tudo isso sob impulsão e comando dos algoritmos, programados para controlar e intensificar rigorosamente os tempos, ritmos e movimentos da força de trabalho” (ANTUNES, 2022, p. 49). Baseado na noção que “o espírito capitalista desconfia de quem não seja ambicioso” (BUCCI, 2021, p.80), chega-se ao colapso emocional de um núcleo familiar e que foi ficcionalmente bem retratado em um filme do diretor britânico Ken Loach²³ e que imprimiu um olhar de forma atenta sobre as emoções que estariam sendo mobilizadas nesse tipo trabalhador que se serve do aplicativo como forma de geração de renda. Para tanto, recorreremos novamente à noção de trabalho a partir da perspectiva de Huws (2019), quando disse que o trabalho se trata de uma atividade pela qual os seres humanos cuidam de si mesmos e dos outros. A dinâmica da narrativa de Loach nega essa afirmação da pensadora marxista e igualmente britânica, e parte-se da premissa que esses novos modos de trabalho trazem uma sedutora chamada discursiva de suposta liberdade e flexibilidade (trabalhar da forma e no momento que se deseja), amplamente disseminada por empresas proprietárias desses apps de trabalho por plataformas, mas que, constitui, na verdade, um tipo de controle e de exploração sobre os trabalhadores.

A ideia do trabalhador sempre disponível é consolidar uma forma de subordinação e gerenciamento do trabalho inteiramente apoiada em um trabalhador desprotegido. E essa desproteção é mais perversa do que a simples ausência de direitos, de uma formalização da jornada. É um trabalho totalmente desprotegido em termos legais porque o trabalhador é transformado em um auto gerente de si próprio, que não conta com nenhuma garantia associada às leis trabalhistas. Desse modo, “a uberização envolve basicamente a consolidação

do trabalhador just-in-time, sem garantias sobre a própria remuneração nem carga horária” (ABILIO, p.129, 2022).

“O bom patrão”: o cinismo da liderança moderna sob à égide do capitalismo

Assim como Ken Loach, não é de hoje que o Fernando León de Aranoa incide seu olhar crítico sobre o mundo do trabalho. Para apenas citar um dos mais premiados filmes e considerado pela crítica como uma obra-prima do realismo social, "Segunda-Feira ao Sol" (originalmente "Los lunes al sol", uma obra de 2002), o diretor examinou a cena laboral em um filme essencialmente dramático. Na obra que já carrega mais de 20 anos de existência, o enredo apresenta a história de um grupo de trabalhadores desempregados de uma cidade portuária no norte da Espanha que lutam para sobreviver e encontrar um propósito após perderem seus empregos em uma indústria naval em crise.

Na ocasião, era a primeira vez que o Aranoa convocava o ator Javier Bardem como protagonista e retrava a jornada de Santa, um homem desempregado que enfrentava a monotonia e a desesperança em meio àqueles que também buscam lidar com a falta de emprego e a exaustão emocional decorrente da perda de suas ocupações. Em uma das cenas mais emblemáticas e marcantes do filme, o personagem, já sofrendo com aspectos do preconceito ao etarismo ao tentar uma colocação no mercado de trabalho, ele pinta o seu cabelo para passar a impressão de um aspecto mais jovial. Lamentando pelo spoiler, em determinado momento, a tintura negra do cabelo, recém e mal pintado, escorre pelo seu pescoço, oferecendo ao espectador uma das mais melancólicas cenas do filme.

Vindo para o ano de 2022, Aranoa convoca novamente o brilhante ator Javier Bardem no filme "O Bom Patrão" para examinar de forma crítica o pensamento empresarial

médio e nos trazer as tessituras que revestem a radiografia de um personagem corporativo facilmente encontrado em centros urbanos. Julio Blanco é o nome principal da trama, proprietário de uma empresa de balanças. Carregados de sutilezas e detalhes visuais que são próprios das narrativas construídas por Aranoa, Blanco evidencia um extremo inconformismo ao presenciar ironicamente uma balança decorativa que está constantemente desregulada na entrada da sua fábrica. Esse artifício é usado simbolicamente como um elemento amedrontador que pode prejudicar sua empresa na disputa por mais um prêmio de excelência que ele faz questão de afixar em uma parede de honra da sua garbosa residência. O imperativo é o seguinte: é preciso que tudo esteja sempre em ordem, os funcionários estejam satisfeitos e a fábrica transpire eficiência e equilíbrio. O ícone da balança traz para o enredo do filme um lembrete metafórico bastante interessante sobre as manipulações que sustentam o cerne do capitalismo.

Assim como Ken Loach, que se faz questão de evidenciar também os elementos visuais e verbais usados como forças motivadoras e singulares do cânone empresarial contemporâneo, Aranoa faz questão de explicitar em seus filmes esse mesmo artifício discursivo. No decorrer da história, tomadas de câmera vão apresentando frases de efeito escritas na parede com dizeres como “liberdade e igualdade” e ironicamente é o que menos se evidencia na rotina corporativa em questão. Uma “subjetivação neoliberal” está em desenvolvimento por meio da circulação dos temas e vocabulários do mundo da gestão. No entanto, será que isso continua tão generalizante quando percebemos e, então, deploramos sua onipresença nos modos de falar e pensar? É o que questionam Dardot e Laval (2022) ao conversar com pessoas que trabalham em empresas, pois sabem como isso pode se tratar de remendo linguístico.

Assim como o enredo do britânico, Aranoa convoca a presença de demais membros do núcleo familiar como um ponto fulcral da trama, onde um funcionário recentemente demitido contesta sua dispensa convocando seus filhos pequenos para um ato de protesto em

frente à fábrica. Já seu chefe de produção, por sua vez, tem cometido uma série de erros devido a conflitos conjugais com sua esposa. Em meio a esses ocorridos, um antigo operário de confiança solicita auxílio para salvaguardar seu filho de um aparentemente incontornável destino da delinquência. Diante de todos esses percalços, o patrão, por sua vez, se empenha em ajudá-los, devido à necessidade de manter uma imagem admirável perante a um chamado e temido comitê. “O bom patrão” explicita o cinismo da classe dominante quando considera as razões dos empregados apenas para proteger os seus próprios interesses. Com a retórica de "Somos todos uma família" e "Seus problemas são meus problemas", Blanco manobra crises e evita confrontos até que uma suposta e desejada premiação esteja garantida.

Para efetivar sua ajuda, é imprescindível que o patrão recorra a subterfúgios (e os chamados jeitinhos que não oriundos apenas da vida brasileira) em conexões privilegiadas com integrantes da polícia e do poder local. A postura pedante de Blanco se estende para sua vida pessoal e conjugal, visto que ele apresenta o costume de se relacionar de forma adúltera com estagiárias de sua empresa. Aqui convocamos Hegel (2013), quando afirmou que a exploração do trabalho é apenas um problema de uma consciência crítica, pois ela se dá e se constrói no embate das lutas em um determinado momento histórico, sendo que essa consciência crítica pode ser transformadora da condição social, desde que a consciência do homem determine seu papel e seu modo de ser no mundo, suas ações dentro das condições objetivas de uma respectiva sociedade. Assim, o indivíduo é um ser social em determinadas condições.

Assim como fizemos na análise da obra de Loach, convocamos novamente Huws (2019, apud MARX) quando preconizou que o sistema capitalista é, de fato, baseado na exploração do trabalho, mas o que lhe confere seu caráter é a maneira específica como o faz, não o fato da exploração em si. Tem-se um conceito crucial aqui para compreender a forma de exploração, peculiar ao capitalismo, que é o valor que é produzido por qualquer tipo de trabalho. É inegável que o trabalho possui uma centralidade na vida social e a própria noção

de mundo que temos hoje é produto do trabalho humano, como uma realidade histórica construída coletivamente pelo homem (MARX, 2007) que é, nesse sentido, visto como um ser histórico, que é dado por sua capacidade de trabalho.

A sociologia do trabalho, ao proporcionar uma crítica das condições de trabalho e de exploração, esforça-se para atualizar seus efeitos deletérios sobre os indivíduos. Depois de se interessar pelo corpo (Marx, Foucault), pela inteligência (o “capitalismo cognitivo”) – com a terciarização e a ascensão dos altos funcionários – e pela subjetividade dos trabalhadores (como alavanca de implicação, motivação e docilidade), o estudo das transformações organizacionais e de seus impactos, tanto individuais como coletivos, pode cada vez menos ignorar a dimensão afetiva. Baseadas na sociologia e na psicologia, algumas pesquisas indicam o custo descomunal dessa submissão dos trabalhadores aos sistemas produtivos e destacam os efeitos prejudiciais e, frequentemente, dramáticos da organização do trabalho e das formas contemporâneas de gestão sobre produtividade de pessoas. As análises que abordam a intensificação do trabalho ou as reestruturações de empresas convergem para a constatação da importância dos efeitos patogênicos nos trabalhadores, por exemplo, pela presença de emoções penosas e pela expressão de uma “carga emocional”, o que aparece em basicamente toda a trama de Aranoa.

Poderíamos citar, como exemplos, o caos emocional apresentado por Aranoa em seu filme em questão, o sentimento de precariedade dos operários das linhas de montagem, o medo de empregadas domésticas frente aos maus-tratos de seus empregadores e, de uma forma mais atual, o pânico de motoristas de Uber a serem banidos ou penalizados pela empresa. Sem falar de questões de *burnout* que se tornaram cada vez mais frequentes em tempos pandêmicos que atravessamos.

Ferramentas essenciais para o trabalho, as emoções são, por sua vez, objeto de um trabalho: são trabalhadas, moldadas para que o ofício seja cumprido da melhor maneira possível, mas também para preservar-se. O trabalho emocional (HOCHSCHILD, 1983), no

sentido de *emotional labour*, refere-se ao trabalho realizado para produzir, transformar ou reprimir uma emoção a pedido de um empregador e sob seu controle. O conceito pode ser ampliado para incluir o trabalho emocional não esperado pelo empregador, embora indispensável para a realização do trabalho, em uma lógica produtiva e subjetiva (JÉANTET, 2012). Além disso, se as emoções são, indubitavelmente, meios, também são, por vezes, fins do trabalho. De fato, Hochschild (2011) considera as emoções como objetos produzidos pelo trabalho, que podem então ser vendidas em um mercado, sejam elas as do próprio trabalhador (amabilidade, subserviência etc.) ou as do cliente (se sentir estimado, tranquilizado, satisfeito) – às quais podemos acrescentar as dos colegas, superiores e subalternos. Segundo Hochschild (2013), estaríamos assistindo, em nossas sociedades terceirizadas, e aqui evidenciamos claramente da obra de Aranoa, a uma “mercantilização das emoções”, ao advento de um “capitalismo emocional”. Essas expressões designam a ideia de uma sociedade em que o que costumava obedecer a uma lógica desinteressada está se aproximando cada vez mais da lógica mercantil, na qual as emoções seriam calculadas, medidas, planilhadas e não mais espontâneas.

Em *Les sentiments du capitalisme*, Illouz (2006) mostra a difusão da cultura “psi”, inclusive nas empresas, o que ela chama de “ethos comunicacional” (Ibid., p.50), o que levaria os trabalhadores a abrirem mais espaço para as emoções. No entanto, uma vez que as emoções são convocadas para um uso estratégico, pode-se indagar qual seja o objeto de estudo de Illouz: as emoções ou os discursos sobre as emoções? O fato de se falar mais das emoções nas organizações não significa que estas possam ser expressas mais livremente. Além disso, as normas emocionais estipuladas nesses discursos, por mais que exerçam um poder coercitivo, costumam fracassar. E, além do mais, essas normas não bastam para dar conta das emoções de fato experimentadas. Nesse sentido, selecionamos o filme espanhol, onde “O Bom Patrão” busca claramente criar vínculos emocionais para atração e retenção de seus empregados.

Em um último prisma de análise, a obra de Aranoa se inscreve em um universo em que a economia está sob comando e hegemonia do capital financeiro, “as empresas buscam garantir seus altos lucros exigindo e transferindo aos trabalhadores e trabalhadoras a pressão pela maximização do tempo e pelas altas taxas de produtividade” (ANTUNES, 2020, p.33). Vale comentar ainda que a informalidade não pode ser vista necessariamente como sinônimo direto de uma condição de precariedade, mas se deve enxergá-la de acordo com a sua vigência expressa, ou seja, praticada com grande frequência e intensidade. Nesse sentido, vê-se clara similitude com a precarização (idem, p.75). Notamos também que, em novos contextos laborais, a hegemonia do capitalismo financeiro e criação um ambiente empresarial lastreado em uma cultura de competitividade, dão margem à hipótese da emergência de uma sociedade incivil, onde mutações socioeconômicas desconstroem os laços representativos entre povo e Estado [...] em benefício de formas tecnológicas mais abstratas de controle social (SODRÉ, 2021). Esse capitalismo financeiro e o poder da mídia são as bases práticas da mutação de um velho civilismo liberal. Já os desdobramentos sociais, políticos e culturais desse fenômeno são inquietantes por sua recorrente ameaça à estabilidade da democracia e das instituições em regiões diversas do mundo.

Por fim, convocamos Canclini (2020) para pensar a produção filmica de Aranoa, uma vez que ela também nos ajuda a examinar essa situação a que chegamos, onde opiniões e comportamentos ficam subordinados a corporações globalizadas, onde um processo de “descidadanização” se radicaliza, sobretudo por conta desse uso neoliberal das práticas de gestão de pessoas. Mas o pensador argentino nos lembra que, o fato de ainda votarmos é um sopro de esperança, e faz questão de enfatizar a democracia não como sistema político, mas como forma de vida e de tomada de decisões. Fazemos coro a essa provocação de Canclini como um movimento de resistência a cenários sombrios como esse que o enredo esquadrinha.

Para concluir

Em conclusão, ao analisar as obras cinematográficas "Você não estava aqui" de Ken Loach e "O bom patrão" de Fernando León de Aranoa à luz das perspectivas teóricas do Capitalismo de Plataforma e da Sociologia do Trabalho, torna-se evidente a representação contundente e crítica das complexidades contemporâneas do mundo do trabalho. Ambos os filmes exploram as nuances da precarização, da desregulamentação dos direitos trabalhistas e do trabalho emocional, oferecendo uma visão penetrante das consequências humanas das atuais formas de gestão do trabalho.

No contexto de "Você não estava aqui", Ken Loach desvela a falsa ilusão da liberdade promovida pelo capitalismo de plataforma, destacando a exploração por trás da retórica empreendedora. O filme expõe como a tecnologia e os algoritmos intensificam o controle sobre os trabalhadores, subjugando suas vidas à lógica desumanizadora das plataformas digitais. A obra de Loach evidencia a urgência de questionar a narrativa da liberdade no contexto do trabalho contemporâneo e ressalta a necessidade de regulamentações que protejam os direitos dos trabalhadores.

Por sua vez, "O bom patrão" de Fernando León de Aranoa revela o cinismo da liderança moderna sob a égide do capitalismo. O filme explora a manipulação da imagem empresarial, destacando como as empresas utilizam discursos de igualdade e liberdade enquanto, na prática, priorizam seus próprios interesses. A trama expõe a dinâmica complexa entre patrões e empregados, revelando as estratégias cínicas adotadas para manter uma fachada de responsabilidade social. Aranoa critica a instrumentalização das emoções no ambiente de trabalho, sublinhando a mercantilização crescente das relações emocionais no contexto empresarial.

Ao unir as análises de ambos os filmes com teóricos como Antunes, Hochschild, Illouz e outros, é possível construir uma compreensão mais profunda das transformações

contemporâneas no mundo do trabalho. A precarização, a desregulamentação e a exploração emocional emergem como elementos centrais que afetam não apenas as condições materiais, mas também a saúde emocional e a subjetividade dos trabalhadores.

Em última análise, os filmes apresentam um apelo à reflexão sobre os impactos do sistema capitalista nas vidas das pessoas, incentivando uma discussão crítica sobre a necessidade de repensar as estruturas laborais e promover uma abordagem mais humanizada e equitativa no mundo do trabalho.

Referências

ABILIO, Ludmila. Uberização como apropriação de um modo de vida periférico. IN: GROHMANN, Rafael. Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas. São Paulo: Editora Boitempo, 2022.

ANTUNES, Ricardo. Capitalismo de plataforma e desantropomorfização do trabalho. IN: GROHMANN, Rafael. Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas. São Paulo: Editora Boitempo, 2022.

BRAVERMAN, Harry. Labour and Monopoly Capital. New York: Monthly Review Press, 1974.

BUCCI, Eugênio. A Super Indústria do Imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. 1a. Edição – Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BURAWOY, Michael. Manufacturing Consent. University of Chicago Press, 1979.

CASILLI, Antonio A. Da classe virtual aos trabalhadores do clique: a transformação do trabalho em serviço na era das plataformas digitais. Matrizes V.14, 2020.

CASILLI, Antonio; POSADA, Julián. The Platformization of Labor and Society. In:

GRAHAM, Mark; DUTTON, William (org.). *Society and the Internet*. Oxford: OUP, 2019, p. 293-306.

FIGARO, Roseli. Não há trabalho sem comunicação. IN: GROHMANN, Rafael. *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas*. São Paulo: Editora Boitempo, 2022.

GRAHAM, Mark e ANWAR, Mohammad. The global gig economy: Towards a planetary labour market? *First Monday*, v. 24, n. 4, apr. 2019.

JÉANTET, Aurélie (2018). “Das emoções críticas: da crise à resistência”. *Revista da ABET*, 17(1), pp. 60- 66

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

HOCHSCHILD, Arlie. The Sociology of Feelings and Emotion: Selected Possibilities. In: M. Millman & R.M. Kanter (eds.) *Another Voice. Feminist perspectives on social life and social science*. N.Y.: Anchor, cap. 10, p. 280-307, 1975.

HOCHSCHILD, Arlie. “Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure”. *American Journal of Sociology*, 85, pp. 551-575, 1979.

HUWS, Ursula. Vida, trabalho e valor no século XXI: desfazendo o nó. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 27, n. 70, p. 13-30, Jan./Abr. 2014.

HUWS, Ursula. *Labour in Contemporary Capitalism. What Next?* London: Palgrave Macmillan, 2019.

ILLOUZ, Eva. Les sentiments du capitalisme. Paris: Seuil, 2006. Emotions, imagination and consumption: a new research agenda. *Journal of Consumer Culture*. The Autor(s), v.9, n.3, p. 377-413, nov. 2009.

KNIGHTS, David. “Subjectivity, Power and the Labour Process”. In: David Knights & Hugh Willmot (eds.). *Labour Process Theory*. Londres: The MacMillan Press, 1990, cap. 10, p. 297-335

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os pensadores), 1991.

MARX, Karl. O capital – Crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K, ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo; Boitempo, 2007.

PRASSL, J. Humans as a service: The promise and perils of work in the gig economy. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 2018.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. The Platform Society. New York: Oxford, 2018.